



INTERPRETANDO O CASO DE LUA: DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM E POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO NA ESCOLA

ELIANA BATISTA DE SOUZA

JULIO BISPO DOS SANTOS JUNIOR

EIXO: 12. PSICOLOGIA, APRENDIZAGEM E EDUCAÇÃO: ASPECTOS PSICOPEDAGÓGICOS E PSICOSSOCIAIS

RESUMO

Este artigo tem por objetivo apresentar o caso de Lua e a percepção de suas dificuldades de aprendizagem pela ação psicopedagógica na família e no espaço escolar. Foi resultado de uma pesquisa com abordagem qualitativa, dando ênfase na descrição densa e detalhada sobre tudo o que surgiu na clínica, na família e na escola, considerando o delineamento bibliográfico para orientar a observação no campo de pesquisa. O atendimento psicopedagógico clínico que norteou esta pesquisa ocorreu em 11 sessões, utilizando-se de instrumentos próprios da psicopedagogia. Analisando os resultados do diagnóstico psicopedagógico clínico foi possível elaborar uma compreensão provisória, porém possível no tempo de observação, sobre a condição em que Lua está na escola e suas possibilidades de aprendizagem através da intervenção psicopedagógica.

Palavras-chave: Avaliação psicopedagógica; Dificuldades de aprendizagem; Intervenção Psicopedagógica.

RESUMEN This article aims to present the case of the moon and the perception of their learning difficulties by psycho-pedagogical action in the family and at school . It was the result of a research with qualitative approach , with emphasis on dense and detailed description of everything that came in the clinic, at home and at school , considering the bibliographic design to guide the observation in the search field . The clinical psycho care that guided this research took place in 11 sessions , using its own instruments of educational psychology . Analyzing the results of clinical psycho diagnosis was possible to draw up a provisional understanding , but possible in the observation time on the condition that Moon is in school and their learning opportunities through the pedagogical intervention . Keywords: psychoeducational evaluation; Learning disabilities ; Psychopedagogical intervention.

INTRODUÇÃO

Este artigo surgiu a partir dos estudos sobre psicopedagogia no curso de pós-graduação em Psicopedagogia Institucional e Clínica como requisito para conclusão de curso. A minha motivação para discorrer sobre a psicopedagogia é por acreditá-la tão importante para a minimização das dificuldades de aprendizagem que são cada vez mais frequentes nas instituições de ensino. A mesma enquanto campo de conhecimento abre possibilidades de intervenção na ordem do conhecimento relacionado com o processo de aprendizagem. Na prática, na oportunidade do estágio pude me aproximar mais da psicopedagogia clínica me debruçando para interpretar as informações e tudo o quanto mais surgia em cada sessão diagnóstica. O caso de Lua[i] foi indicado por uma professora amiga minha que tinha contato com a mesma na escola onde trabalhava. A família e a professora de classe dela estavam buscando respostas por ela não conseguir avançar na leitura e escrita de acordo com a idade e com os outros colegas. Foi então que as nossas vidas se cruzaram, eu precisava de alguém para realizar o meu estágio clínico e Lua precisava de ajuda para tentar compreender o porquê das suas dificuldades de aprendizagem. Unimos nossas necessidades e vivemos em

um espaço de atendimento psicopedagógico clínico momentos ímpares em cada encontro realizado, este período durou de 18 de agosto a 30 de setembro do ano de 2014. O estágio foi realizado em 11 sessões acompanhadas pela professora orientadora. Na última sessão houve a devolução psicopedagógica que é a comunicação verbal dos resultados.

Chamava-me à atenção, que Lua apesar de ser a mais velha de sua classe e estar menos evoluída no desenvolvimento cognitivo em relação aos seus colegas, mostrava possibilidades incríveis de aprendizagem através da ludicidade, das brincadeiras e jogos.

Para este estudo, foi necessário compreender as proposições de autores como: Bossa (2000, 2002 e 2007), Grigorenko, Sternberg (2003), Sampaio (2009), Scoz (1994), Fernandez (1990), Sisto (2003) e, a partir deles, utilizar recursos da psicopedagogia que também se constituíram como instrumentos para esta pesquisa tais como: entrevista com a criança, a família e com a escola, provas operatórias e projetivas, provas pedagógicas, perceptomotoras e psicomotoras. Estes recursos demandaram um tratamento metodológico pautado na abordagem de pesquisa qualitativa, com ênfase na descrição densa e detalhada sobre tudo o que surge no campo considerando o delineamento bibliográfico como fundamentação para abertura de diálogos investigativos. Foi escolhido esse tipo de pesquisa, pois considera a existência de uma relação dinâmica entre o mundo real e o sujeito, é descritiva já que envolve técnicas padronizadas de coleta de dados e bibliográfica por se realizar através de material já publicado. É importante ressaltar que houve uma aproximação fenomenológica. Ao aproximar-me de Lua vivenciei sua condição de ser e estar no mundo: mundo-escola e mundo da vida. Esta ação foi uma tentativa de interpretar o ser de Lua no mundo e as condições pelas quais ela compreende ou não o que a cerca, permeando os diálogos sobre dificuldades de aprendizagem e necessidades educativas especiais que referenciam essas reflexões. Auxiliando a entender melhor o tema a ser tratado e as abordagens teóricas sobre ele, entrelaçadas com um estudo de caso capaz de suscitar questões para debate e ter elementos que permitam tomadas de posição.

A entrevista contratual[ii] foi realizada em agosto de 2014 com a mãe de Lua, que apresentava como queixa principal dificuldade de leitura e escrita e também em cálculos matemáticos, estando ela no quarto ano do ensino fundamental da escola pública Municipal Marcionílio Rosa. A professora de classe estava desesperada por não conseguir resultados positivos com Lua, por mais que ela se esforçasse de todas as maneiras, a aluna continuava sem aprender os conteúdos. Segundo a professora que vou aqui chamar de Sol, por esta estar tentando auxiliar Lua a encontrar a luz do processo mágico do aprender, *“a aluna não consegue terminar uma atividade a não ser que tenha ajuda, parece não ter vontade de acertar, ela recua aos desafios”*. (Depoimento da Professora em 14 de Setembro de 2014, no relatório de observação). Ela comentou ainda que no meio da aula Lua fica muito distraída trazendo assuntos fora dos conteúdos[iii].

Com o objetivo de descrever o caso de Lua sobre diversos olhares, como primeira opção de estudo, neste artigo, será apresentado o caso de Lua e uma incógnita em sua aprendizagem. Sua história de vida e relação com a família e na escola. Em seguida será apresentada a abordagem psicopedagógica descrevendo como aconteceram as sessões, quais os instrumentos utilizados e por fim, nas considerações finais, a análise dos dados obtidos, os encaminhamentos fornecidos a escola e à família e as possibilidades de reconhecer caminhos para que Lua encontre na escola oportunidades de aprendizagem.

LUA E AS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM

Em meio a minha prática enquanto estagiária em psicopedagogia clínica pude me debruçar nos registros coletados com questionários e instrumentos próprios da psicopedagogia para tentar entender esse caso ao qual me dediquei a pesquisar e agora apresento: Lua é uma menina de 10 anos de idade e vive com sua família. Sua composição familiar é a seguinte: O pai 27 anos de idade, mecânico, estudou até 7ª série, trabalha na oficina do pai dele. A mãe 34 anos estudou até a 4ª série, doméstica e também vende produtos da Avon. Tem uma irmã mais nova com 4 anos de idade, uma irmã mais velha que já é casada e mora em outra casa e uma sobrinha de 2 anos de idade. Ela demonstra ter um sentimento de pertencimento muito forte à sua família descrevendo-a com muito entusiasmo. Na primeira conversa com a mãe esta informou que o pai de Lua não é seu pai biológico, mas assumiu a mãe e ela quando esta tinha apenas 8 meses de idade, apesar disto, ele não quis registrá-la com seu sobrenome, segundo a mãe, alega temer ter problemas com o pai biológico mais tarde, mesmo ela não tendo nenhum contato com o mesmo. Contudo é um pai amoroso e cuidadoso com as filhas.

Lua é uma menina espontânea, sensível, carinhosa, suas relações com a família e com colegas da escola e também da rua são saudáveis, é muito prestativa e apesar de ter um bom comportamento em casa, às vezes é esquentada e fica nervosa em alguns momentos, principalmente por se incomodar muito com a opinião das outras pessoas. (Depoimento da mãe de Lua em 18 de Agosto de 2014, registrado em sessão psicopedagógica).

Ressalto a importância de saber esses detalhes sobre a família nuclear e a vida de Lua, pois o histórico de vida é considerado na avaliação diagnóstica por trazer elementos que ajudam a interpretar as informações.

Realizar um diagnóstico é como montar um grande quebra cabeças, pois, à medida que se encaixam as peças, vai se descobrindo o que está por trás destes sintomas. As peças serão oferecidas pela família, pela escola e pelo próprio sujeito, entretanto, a maneira de montá-las, só depende do psicopedagogo e, para que este tenha um bom resultado, precisa levar em conta todos os aspectos objetivos e subjetivos observados nos diversos âmbitos: cognitivo, familiar, pedagógico e social. (Sampaio 2009, p. 17).

Lua tem um problema de visão comumente conhecido como olho preguiçoso^[iv] que a acompanha desde pequena. Em uma de nossas conversas Lua me disse que as tias dela alertavam para levá-la ao médico, pois parecia haver algo diferente com ela, mas a mãe não havia dado importância a isso antes. Por conta do problema de visão ela precisou usar um tampão no olho esquerdo, sendo isso motivo para sofrer bullying^[v] pelos colegas na escola. O problema de visão certamente contribuiu para provocar e/ou aumentar as dificuldades de aprendizagem.

O seu problema na aprendizagem é apontado como dificuldade de leitura e escrita e também em cálculos matemáticos. Foi com esse sintoma que ela chegou ao consultório. Uma colega de classe que vou identificar como Ana afirmou: “Lua conversa muito na sala, levanta da cadeira o tempo todo e a professora está sempre reclamando com ela. Além disso, está sempre brigando com os meninos quando eles a chamam de tampão no olho”. (Depoimento retirado do relatório de observação em 05 de setembro de 2014).

Acredito que devido ao problema de aprendizagem que ela enfrenta esse comportamento se mostra como um pedido de ajuda. Um pedido inconsciente que necessita ser interpretado por figuras mais maduras deste contexto, a professora, coordenação da escola, a família e por que não um profissional da psicopedagogia? A professora poderia ajudar buscando estar atenta aos sinais e se atualizando nos conhecimentos para ajudar Lua mais diretamente. A coordenação poderia intervir nas atividades propostas adequando-as as necessidades da aluna entre outras ações. A família poderia contribuir no sentido de compreender que não se trata de preguiça ou falta de interesse, mas realmente de um problema que merece atenção, continuando a busca através dos especialistas sugeridos para chegar a um diagnóstico e assim prosseguir o tratamento. E o especialista em psicopedagogia é a pessoa que tem o conhecimento para a partir do diagnóstico, saber como essa criança realiza suas aprendizagens, qual o caminho que deve ser percorrido para chegar de fato a aprendizagem e enfim realizar os meios de intervenção.

INTERPRETANDO O CASO DE LUA: dimensões da avaliação psicopedagógica.

Através do campo da psicopedagogia é possível com os dados obtidos ter a explicação do não aprender e dar suporte para que o problema de aprendizagem seja resolvido ou pelo menos minimizado. O trabalho de investigação até o diagnóstico fornece muitos elementos para serem explorados. De acordo com Sampaio (2009),

O diagnóstico psicopedagógico clínico tem como objetivo identificar as causas dos bloqueios que se apresentam nos sujeitos com dificuldades de aprendizagem. Estes bloqueios apresentam-se por meio de sintomas que podem se manifestar de diferentes maneiras: baixo rendimento escolar, agressividade, falta de concentração, agitação etc. (p.17).

Para chegar ao diagnóstico é necessário o contato direto e indireto com a criança, observando suas condutas individuais, analisando seu comportamento escolar e familiar e ainda através da aplicação de instrumentos próprios da psicopedagogia que serão descritos aqui.

ANDAMENTO DAS SESSÕES E INSTRUMENTOS UTILIZADOS

De acordo com teoria da epistemologia convergente de Jorge Visca (1987) foram utilizados os seguintes instrumentos

para avaliação: Na primeira sessão a Entrevista Operativa Centrada na Aprendizagem (EOCA) com o objetivo investigar os vínculos que a criança possui com os objetos e os conteúdos da aprendizagem escolar, observar suas defesas, condutas evitativas e como enfrenta novos desafios. Visa perceber o que a criança sabe e o que aprendeu a fazer. Nas segunda e terceira sessões foram realizadas Provas Operatórias: Por meio da aplicação destas existem condições de conhecer o funcionamento e o desenvolvimento das funções lógicas, permite investigar o nível cognitivo em que a criança se encontra e se há defasagem em relação à sua idade cronológica. São exemplos de provas operatórias: provas de conservação, de classificação, de seriação, de espaço e de pensamento formal.

Nas quarta e quinta sessões, aplicamos provas projetivas que tem como objetivo investigar os vínculos que a criança pode estabelecer em três domínios: o escolar, o familiar e consigo mesmo. Essas provas se dividem em vínculo escolar: par educativo, eu com meus companheiros e a planta da sala de aula.

Na sexta sessão aplicamos provas pedagógicas com a finalidade de observar a escrita das palavras, tipo de caligrafia, se há trocas ou inversão de letras e etc. Já na sétima sessão, aplicamos a prova de leitura e escrita com o objetivo de avaliar se essas competências estão de acordo com a idade/série, sendo proposta atividade que envolveu texto e interpretação. Também foi aplicada a prova de cálculo matemático sendo observada através do lúdico (jogos) se realiza soma, subtração, multiplicação e divisão. Também nesta mesma sessão foi aplicada a prova de orientação temporal onde é sondado através de perguntas se a criança tem noção de tempo.

Seguindo o cronograma na oitava sessão foi realizada a prova de consciência fonológica. A avaliação da consciência fonológica é importante para o diagnóstico da dislexia. Segundo Sampaio (2009):

Os estudos mostram que a pessoa com dislexia possui prejuízo na identificação de rimas, manipulação de fonemas caracterizando um déficit na consciência fonológica e, por isso, a dificuldade da leitura, apesar de seu nível de inteligência ser normal. (p.127).

Prosseguindo foram aplicadas provas perceptomotoras- figuras absurdas onde são mostradas figuras com alguma anormalidade e analisada a capacidade de percepção das mesmas. Ainda nesta sessão foi possível analisar o material escolar quanto à organização, se obedece aos limites do caderno, a higiene, se as atividades são respondidas e corrigidas, a ortografia, etc.

Quase no final da nossa caminhada para desvendar o mistério do não aprender já na nona sessão, aplicamos a prova psicomotora com o objetivo de sondar o desenvolvimento psicomotor. Por fim das sessões chegamos à anamnese que é uma entrevista realizada com os pais ou responsáveis, fazendo uma retrospectiva da vida da criança com detalhes desde a gestação até a vida familiar e escolar atual possibilitando colher dados que venham a ajudar a esclarecer as dificuldades de aprendizagem.

Todos estes instrumentos foram utilizados com Lua dentro do espaço de atendimento clínico pela psicopedagoga minha orientadora do estágio e por mim, estagiária, com o intuito de através das interpretações investigar sua modalidade de aprendizagem e qual o fator que dificulta essa sua relação com o aprender.

1. Analisando os resultados

No decorrer do processo cognitivo através do qual é obtida a aprendizagem, podem surgir obstáculos que podem ser de ordem emocional ou mesmo orgânica, são dificuldades que atrapalham o desenvolvimento normal da aprendizagem e que podem ser passageiras ou não. Portanto, a percepção das mesmas o quanto antes é de fundamental importância para diagnosticar e intervir com intuito de resolver o problema ou mesmo amenizá-lo.

O que analisar sobre uma criança com dificuldade no aprender? De que ordem e origem pode ser essa dificuldade? Da escola? Da família? Da própria criança como ser no mundo? Ou de todos os fatores juntos?

São nos pequenos detalhes de momentos vividos nas sessões psicopedagógicas que encontramos os subsídios para ir nos inteirando da real problemática da aprendente. É vivendo com ela a cada prova aplicada que vai se configurando as possíveis causas do sofrimento do não aprender, objeto de estudo da psicopedagogia.

A prática psicopedagógica configura-se como uma investigação que deve ser feita com muita cautela, analisando todos os detalhes com rigor, evitando assim conclusões precipitadas. Muitas vezes o que parece ser não é, e o que fica oculto pode ser a chave que está faltando para abrir a porta da aprendizagem.

De posse das informações foi possível concluir quanto aos aspectos pedagógicos que desde a 1ª sessão houve rejeição à leitura e escrita, sempre preferindo as brincadeiras e jogos. Conforme avaliação, provavelmente pelo problema de visão ela teve uma alfabetização deficitária, acumulando assim, as dificuldades de aprendizagem ao longo dos anos. O nível de leitura e escrita não estão compatíveis com a idade/série da aprendente, tem certa dificuldade de compreensão de textos e também em cálculos matemáticos, não soube armar as operações, mas acertou somar e diminuir quando houve interferência direta com exemplos. Quanto à caligrafia não está adequada para a idade/série, as letras são mal traçadas e existem muitas omissões e trocas, ainda assim, consegue obedecer aos limites do caderno. Quanto à análise do material foi percebido certa organização e higiene, algumas atividades sem respostas e a maioria das atividades com correção.

Sobre os aspectos cognitivos: Durante as provas Lua se mostrou com muita dificuldade. Dificil compreensão, lentidão nas atividades e leituras. Teve dificuldade na maioria das provas, se saindo melhor nos cálculos matemáticos mesmo assim precisou de intervenção direta para compreender o raciocínio lógico. Houve suspeita de atraso cognitivo. Mas, apesar das dificuldades ela é capaz e tem muito potencial a ser desenvolvido, basta que tenha condições pedagógicas apropriadas para suas dificuldades.

Quanto ao desenvolvimento cognitivo Lua está entre o pré-operatório e o operatório concreto, não sendo capaz de conservar na maioria das vezes, seu raciocínio é intuitivo, está ligado às aparências das situações, o que não está adequado à sua idade. Neste sentido Bossa afirma que:

Pode se dizer que o nível de maturação de um indivíduo para a aprendizagem depende do interjogo entre fatores intelectuais e afetivos, o equipamento biológico que traz ao nascer e as condições de comunicabilidade com o meio significativo. (BOSSA, 2002, p.24).

Sua modalidade de aprendizagem é hiperacomodativa. Nessa modalidade de aprendizagem predomina a dificuldade para criar prefere copiar, repete o que aprende sem questionar, sem investigar, não tem iniciativa, aceita tudo, é submissa. Seus vínculos com a aprendizagem sistemática não são muito positivos.

Continuando a avaliação quanto aos aspectos afetivo-social: Lua apresenta-se como uma criança espontânea, comunicativa. Suas relações são saudáveis tanto no âmbito familiar, como na escola. Segundo a mãe ela tem um ótimo relacionamento com a família. Esse ambiente de harmonia familiar é sem dúvida, importantíssimo para o desenvolvimento de Lua e possibilita maiores chances de vencer esses obstáculos que se apresentam entre ela e o aprender.

Não há dúvida de que a influência familiar é decisiva na aprendizagem dos alunos. Os filhos de pais extremamente ausentes vivenciam sentimentos de desvalorização e carência afetiva, que os impossibilita de obter recursos internos para lidar com situações adversas. Isso gera desconfiança, insegurança, improdutividade e desinteresse, sérios obstáculos à aprendizagem escolar. (SCOZ, 1994, p.71).

Na escola Lua demonstra irritabilidade e impaciência diante do discurso de seus colegas, a professora revela que a aprendente reclama bastante e parece estar sempre ofendida com seus colegas, tal comportamento aparece quando acontecem brincadeiras no pátio ou mesmo em sala de aula sobre o seu problema de visão.

Quanto aos aspectos orgânicos: Sua concepção foi sem planejamento, a mãe tinha apenas 19 anos e, por não ter sido planejada a gravidez, houve um pouco de rejeição. Esse fator pode ter contribuído para sua baixa autoestima atualmente. A gravidez apesar disso, transcorreu dentro da normalidade, foram realizadas as consultas pré-natais, tomou as vacinas, o parto foi tranquilo, realizado na idade gestacional correta. Lua não teve nenhum contato com o pai biológico, foi amamentada no peito até os três anos de idade, teve certa dificuldade de aceitar a mamadeira e não usou

chupeta. Sua evolução psicomotora foi boa, sentou-se aos 7 meses, andou aos 8 meses, falou com 1 ano. Seu primeiro ano na escola foi aos 5 anos de idade. Teve uma repetência nesta escola e saiu aos 7 anos para a escola que estuda atualmente. Todos esses detalhes foram colhidos em instrumento psicopedagógico chamado anamnese.

Segundo Sampaio (2009) anamnese é uma entrevista realizada com os pais ou os responsáveis do entrevistado e tem como objetivo resgatar a história de vida do sujeito e colher dados importantes que possam esclarecer fatos observados durante o diagnóstico, bem como saber que oportunidades esse sujeito vivenciou como estímulo a novas aprendizagens.

Na anamnese, foi identificado que Lua possui um problema de visão desde a primeira infância e que o mesmo só foi diagnosticado aos nove anos de idade. Certamente esse problema de visão contribuiu bastante para aumentar as dificuldades.

1. Diagnóstico psicopedagógico Clínico

A tentativa de interpretar a condição como Lua aprende na escola e os motivos que interferem em sua aprendizagem faz com que seja necessário produzir sentidos e significados sobre sua aprendizagem e sobre a forma pela qual o diagnóstico poderá contribuir com a aprendizagem de Lua. Assim, ao buscar sentido, trago as formulações de significado a definição do dicionário Aurélio onde encontramos a palavra diagnóstico definida como: classificação de doenças pelos seus sintomas. E psicopedagogia: Pedagogia baseada na psicologia científica, especialmente da criança. De acordo com Sampaio (2009 p.17):

O diagnóstico psicopedagógico clínico tem como objetivo identificar as causas dos bloqueios que se apresentam nos sujeitos com dificuldades de aprendizagem. Estes bloqueios apresentam-se por meio de sintomas que podem se manifestar de diferentes maneiras: baixo rendimento escolar, agressividade, falta de concentração, agitação etc.

Ao realizar um diagnóstico o psicopedagogo deve ter uma escuta aguçada, tudo o que é dito pelo paciente ou mesmo seus gestos e aparência nesse momento, merecem atenção especial, pois os detalhes podem ser reveladores.

1. Prognóstico e encaminhamento

Entende-se como prognóstico, indicação ou avaliação médica sobre um resultado possível de uma doença. Sendo assim, diante dos aspectos avaliados podemos apontar como hipóteses que se apresentam por meio de sintomas compatíveis com: problemas de visão (sem tratamento no período de alfabetização), dislexia mista, déficit de atenção com predominância dispersão, déficit de alfabetização. Estas hipóteses precisam ser avaliadas por especialistas responsáveis, para que haja confirmação ou refutação.

Para conclusão do diagnóstico, se faz necessário à avaliação específica para cada hipótese encontrada. Por isso fica sugerida a família que continue a busca para que o diagnóstico seja fechado. A partir desta análise e interpretação, orientamos uma avaliação com fonoaudiólogo: para sinais e sintomas de dislexia; Avaliação de rotina com otorrino: para afastar possíveis problemas auditivos; Avaliação com neuropediatra: para análise dos sinais e sintomas de Transtorno de Déficit de Atenção (T.D.A) e dislexia. É a partir da análise dos especialistas que se confirmarão ou não essas hipóteses sendo possível galgar o próximo passo.

1. Intervenção

Através do contato com a aprendente foi possível analisar, investigar, reconhecer particularidades que permitiram a compreensão do seu modo de aprender, podendo assim, propor atividades específicas, direcionadas a ela que sejam capazes de possibilitá-la avançar através da modalidade de intervenção. Sobre as ações inerentes aos psicopedagogos, SISTO (2003) afirma que hoje em dia são denominadas intervenções psicopedagógicas:

Estratégias que visam à recuperação, por parte das crianças, de conteúdos escolares avaliados como deficitários; Procedimentos de orientação de estudos (organização, disciplina, etc); Atividades como brincadeiras, jogos de regras e dramatizações realizadas na escola e fora dela, com o objetivo de promover a plena expressão dos afetos e o desenvolvimento da personalidade de crianças com e sem dificuldades de aprendizagem; Atendimento em consultório de crianças com dificuldades de aprendizagem na escola (encaminhamentos feitos pela própria escola); Pesquisa de instrumentos que podem ser utilizados para auxiliar o processo de aprendizagem de crianças, bem como o seu

desenvolvimento, no que se refere à inteligência e afetividade. (2003, p.123).

Após ser avaliada pelos especialistas será possível propor a intervenção, pois é a partir de todas as informações colhidas e analisadas que se chegará a uma conclusão de como deve ser o trabalho de intervenção.

A partir da devolução para a escola, essa poderá se posicionar quanto à dificuldade da aluna. Em contato com a coordenadora da escola ela informou que de posse do relatório psicopedagógico a aluna será encaminhada para o Centro de Referência Multidisciplinar da Educação Inclusiva de Irecê - CERMULT, entidade pública municipal que tem como objetivo diagnosticar crianças com necessidades especiais e oferecer ferramentas educacionais para que elas possam desenvolver a capacidade cognitiva e aprimorar a socialização, sem nenhum déficit de aprendizado.

Neste espaço as crianças são assistidas por professor alfabetizador, terapeuta ocupacional, fonoaudióloga, psicopedagoga e neuropediatra educacional. Ao receber o encaminhamento da escola o CERMULT faz uma triagem com a criança onde será encaminhada para o especialista de que necessita. O atendimento é realizado quinzenalmente. (Rosângela Rodrigues, coordenadora do CERMULT, 2014).

O trabalho desenvolvido por este centro é imprescindível visto que, as escolas da rede municipal de ensino têm uma demanda muito grande de crianças com dificuldade de aprendizagem. Mesmo fazendo um bom trabalho o CERMULT ainda não dá conta de atender a todas as crianças que necessitam. Ainda há muito que amadurecer na rede municipal a respeito desse tema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após todo o trajeto percorrido com a realização deste trabalho de pesquisa foi possível mergulhar na prática psicopedagógica clínica podendo compreender algumas especificidades do atendimento como, por exemplo, a aplicação dos testes projetivos, das provas perceptomoras, etc. Permeando as relações entre Lua e sua professora foi possível ter noção das possibilidades que a escola oferece através das aulas de reforço e encaminhamento para o CERMULT.

As ações na escola objetivam atender alunos com dificuldades de aprendizagem, mas tem em sua essência muitas ausências na forma pela qual tenta garantir o ensino e aprendizagem, na condição em que não alcança, na mesma condição, os alunos com dificuldade de aprendizagem. Fernandez (apud PAIN, 1998) diz que “a função da educação pode ser alienante ou libertadora, dependendo de como for usada, quer dizer, a educação como tal não é culpada nem de uma coisa nem de outra, mas a forma como se instrumenta esta educação pode ter efeito alienante ou libertador”. É nesta interpretação que considero as ações da escola que ora *alienante*, ora *libertadora*, intenta atender alunos com dificuldades de aprendizagem, mas possibilita uma intervenção eficiente.

Para compreender o alcance desta intervenção, busquei na experiência do estágio informações que possibilitassem estar do lado de cá como estagiária e, do lado de lá junto as vivências de Lua, imersa nas angústias sofridas por ela enquanto aluna e/com suas dificuldades de aprendizagem. Após o percurso percorrido durante as 11 sessões com a aplicação de todos os testes e provas até o tratamento das informações obtidas durante este período, contribuiu para desvendar parte da situação visto que, após a análise psicopedagógica com a interpretação das informações pode-se fazer encaminhamentos para as hipóteses de dislexia mista, problemas de visão, déficit de atenção com predominância dispersão e déficit de alfabetização. Esse diagnóstico não pode ser fechado, pois, devido à modalidade de atendimento realizado (estágio) não é possível aguardar o resultado dos profissionais a que encaminhamos. Mas é possível apresentar as considerações a partir da observação e diálogos com a família e escola no espaço da clínica.

Assim, é necessário que a escola se proponha ao desafio de ajudá-la em suas dificuldades, facilitando o processo de aprendizagem, levando em conta suas necessidades especiais que implicam em atividades diferenciadas e intervenção individualizada. De posse do laudo psicopedagógico a escola deve tomar as providências para intervir nesta situação de aprendizagem da aluna e isso, pode ser desafiante para a instituição de ensino, pois além de ter uma situação concreta para fazer à intervenção em relação à aprendizagem de Lua a mesma deve realizar também trabalhos preventivos para transformar a realidade das dificuldades no ambiente escolar.

Por fim, este trabalho além de externar as inquietações de uma pesquisadora que motivou-se pela psicopedagogia para compreender os processo de ensino e aprendizagem, traz o esforço de interpretar o processo através do acompanhamento da aluna Lua na clínica, família e escola. Este exercício investigativo abriu possibilidade de compreender o lugar da psicopedagogia para a superação desta dificuldade através da aproximação destes espaços de intervenção junto à escola, bem como esboçou proposições que podem estimular a escola onde Lua estuda a repensar ações e intervenção psicopedagógica.

REFERÊNCIAS

BOSSA, Nadia A. **A Psicopedagogia no Brasil**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

_____. **Fracasso Escolar: um olhar psicopedagógico**. Porto Alegre: Artmed, 2002.

_____. **A psicopedagogia no Brasil: contribuições a partir da prática**. 3. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2007.

_____. **Dificuldades de aprendizagem: o que são? Contribuições a partir da prática**. 3. ed.- Porto Alegre: Artmed, 2007.

SAMPAIO, Simaia. **Manual prático do diagnóstico psicopedagógico clínico**. Rio de Janeiro: Wak Ed., 2009.

SISTO, Fermino Fernandes org. **Atuação psicopedagógica e aprendizagem escolar**. 8 ed. Rio de Janeiro: Ed. Vozes, 2003.

SOUZA, Eliana Batista. **A necessidade do psicopedagogo no Âmbito Institucional Escolar**. Trabalho de Conclusão de Curso. Universidade do Estado da Bahia- UNEB-DCHT-CAMPUS XVI.2010,68 páginas

GRIGORENKO, Elena L. STERNBERG, Robert J. **Crianças Rotuladas - O que é Necessário Saber sobre as Dificuldades de Aprendizagem**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

VISCA, Jorge. **Clínica Psicopedagógica – Epistemologia Convergente**, Porto Alegre: Artes Médicas,1987.

BARROS, Jussara de. **Dificuldades de aprendizagem**.{on line}.Disponível na Internet via www.brasile scola.com/educacao/dificuldades-aprendizagem.html. Arquivo capturado em 21 de agosto de 2014.

[1] Nome fictício usado para resguardar a identidade da aluna por questões éticas.

[1] Momento de conversa com os pais ou responsáveis para obter dados pessoais da criança e apresentar o trabalho a ser desenvolvido bem como combinar horários e honorários.

[1] Conteúdo aqui representa todo o material passível de compreensão posto em sala de aula, mas neste momento não quero debater esse conceito de conteúdo e sim a condição de aprendizagem da aluna na escola.

[1] Disfunção oftálmica caracterizada pela redução ou perda de visão de um dos olhos.

[1] Palavra de origem inglesa que caracteriza violência física ou psicológica de forma intencional e repetida.

Eliana Batista de Souza Graduada em Pedagogia pela Universidade do Estado da Bahia- UNEB, pós graduada em Psicopedagogia Institucional e Clínica pela Faculdade do Sertão- UESSBA, pesquisa em Psicologia, Aprendizagem e Educação: aspectos psicopedagógicos e psicossociais, liauneb2007@hotmail.com.

Julio Bispo dos Santos Mestre em Educação pela Universidade Federal da Bahia - UFBA e Professor Assistente da Universidade Federal de Alagoas-UFAL, Julio.junior@arapiraca.ufal.br.

Recebido em: 18/07/2015

Aprovado em: 20/07/2015

Editor Responsável: Veleida Anahi / Bernard Charlort

Método de Avaliação: Double Blind Review

E-ISSN:1982-3657

Doi: